



**ARTESANATO NO BRASIL E NO CARIRI PARAIBANO: ASSOCIATIVISMO,  
COOPERATIVISMO, GESTÃO SOCIAL E EMPRESARIAL  
CRAFTS IN BRAZIL AND IN THE CARIRI PARAIBANO: ASSOCIATIVISM,  
COOPERATIVISM, SOCIAL AND BUSINESS MANAGEMENT**

Wandson Rafael dos Santos  
Universidade Federal da Paraíba  
wandson.rafael@academico.ufpb.br

Márcia Cristina Silva Paixão  
Universidade Federal da Paraíba  
marcia.paixao@academico.ufpb.br

**Grupo de Trabalho (GT): GT06. Cooperativismo, associativismo e outras formas de  
ação coletiva**

**Resumo**

O estudo teve como objetivo geral conhecer a base estrutural e aspectos da gestão da produção do artesanato brasileiro e da renda renascença no Cariri paraibano. Apresenta conceitos da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, suas principais características e diferenças, traçando um breve panorama geral e discutindo elementos da gestão social e empresarial. Foi realizado um levantamento bibliográfico e de dados divulgados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo da Paraíba (SESCOOP-PB), a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Ainda, realizou-se uma entrevista com representante de associação de rendeiras do Cariri paraibano. Identificou-se que os artesãos tem desafios como falta de organização e capacitação, mesmo para os que atuam de forma coletiva. Concluiu-se que a forma de gestão influencia a produção e demais atividades ligadas à entidade e que, em especial, a forma como são organizadas as sociedades pode induzir melhorias na capacitação e aprendizado, produção e comercialização no coletivo.

**Palavras-chave:** Artesão. Economia solidária. Renda Renascença.

**Abstract**

*The general objective of the study was to know the structural basis and aspects of the management of the production of Brazilian handicrafts and renaissance lace in the Cariri region of Paraíba. It presents concepts of solidarity economy, associativism and cooperativism, their main characteristics and differences, tracing a brief overview and discussing elements of social and business management. A bibliographical and data survey was conducted near with the Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo da Paraíba (SESCOOP-PB), Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) and the Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Also, an interview was conducted with a representative of the association of lace makers from Cariri in Paraíba. It was identified that artisans have challenges such as lack of organization and training, even for those who work collectively. It was concluded that the form of management influences production and other activities related to the entity and that, in particular, the way societies are organized can lead to improvements in training and learning, production and commercialization in the collective.*

**Keywords:** Craftsman. Lace Renaissance. Solidarity economy.



## 1 INTRODUÇÃO

Desde o início da sociedade, o homem, para sobreviver, buscou conviver em grupos, o que proporcionava entre os próprios indivíduos uma troca de favores e uma união da força de trabalho. Relacionada com essa mesma ideia de organização da sociedade para a produção, surge também a necessidade de comercialização de algum produto. Na atualidade, e nas palavras de Frantz (2012, p. 24): “A cooperação moderna propõe mudanças na organização econômica da sociedade, mediante a instauração de um sistema baseado em associações-cooperativas, de caráter econômico, postas a serviço das necessidades e interesses de quem trabalha.”. Já para Polonio (2004, p. 27), “[...], a sociedade cooperativa nada mais é do que intermediária entre associados e suas relações com o mercado”.

O estudo do cooperativismo e do associativismo está inteiramente ligado com a noção de economia solidária, segundo a qual o comportamento dos agentes econômicos deve se basear em solidariedade, promover a autogestão e apoiar os mais desfavorecidos (SINGER, 2003).

A economia solidária tem relação direta com a sociedade que visa uma produção com desenvolvimento social e sustentável de forma cooperada ou em associações. Surgiu em “reação ao espantoso empobrecimento dos artesãos provocado pela difusão das máquinas e da organização fabril da produção” (SINGER, 2002, p. 24). Portanto, a economia solidária não se apresenta como um campo novo de trabalho, mas como reação ao capitalismo industrial (BRASIL *apud* SINGER, 2002).

Na Paraíba, por exemplo, algumas cidades são conhecidas pela produção de artesanato sendo necessário que artesãos se unam de alguma forma para se fortalecerem e colocar seus produtos no mercado. As formas como estão fazendo isso é por meio de associações ou cooperativas, podendo-se relacionar essas formas de organização social com o objetivo principal de obtenção de melhorias e vantagens sociais e econômicas.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos no Brasil, em 2016, foi de 236.950 e, dentre essas, 12.552 Associações chegam a atender os interesses de artesãos. No Nordeste, são 2.162 e na Paraíba, 187 Associações classificadas no subgrupo Cultura e Arte pelo IBGE.

Sobre o número de Cooperativas no estado, de acordo com números de 2020 da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), existem 17 Cooperativas com 751 cooperados na produção de bens e serviços, sendo 5% delas estão voltadas à produção artesanal.

Com base nesse cenário, tem-se por oportuna uma avaliação sobre as necessidades e oportunidades socioeconômicas de ampliação da atuação de artesãos paraibanos como associação ou cooperativa. Como argumenta Giorno (2021, p. 26), “As cooperativas nasceram da crise. Elas surgem de uma situação ‘x’, que demanda suporte na vida das pessoas. Então, os grandes complexos cooperativos que cresceram na nossa história nasceram da necessidade.”

Especificamente, aplicando-se os princípios do cooperativismo e associativismo, faz-se oportuno um mapeamento da estrutura e da organização social e empresarial de artesãos paraibanos organizados como associações ou cooperativas, a exemplo das rendeiras do Cariri paraibano concentradas nos municípios de Camalaú, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião de Umbuzeiro e Zabelê.

Entre os aspectos principais da questão está o fato de que as associações e cooperativas visam obter um preço justo pelos produtos ofertados e um benefício social para seus associados e que, mesmo não tendo como foco o ganho de lucros, eles necessitam de atenção a dois tipos de gestão: a social e a empresarial. Isso porque “[...] gestão social e gestão empresarial são duas faces da mesma moeda, ou melhor, são complementares e imprescindíveis para uma gestão cooperativa de êxito.” (FERREIRA; NEVES DE SOUSA, 2019).



Nesse contexto, o objetivo geral deste estudo é conhecer a base estrutural e aspectos da gestão social e empresarial da produção do artesanato brasileiro e da renda renascença do Cariri paraibano. Os objetivos específicos são: a) conceituar economia solidária, associativismo e cooperativismo, destacando-se as principais características e diferenças existentes; b) apresentar um breve panorama de associações e cooperativas existentes no Brasil, na Região Nordeste, na Paraíba e em municípios do Cariri paraibano; c) discutir elementos da gestão social e empresarial de associações e cooperativas, enfocando-se o setor de artesanato brasileiro e, para o estado da Paraíba, a produção da renda renascença na microrregião do Cariri paraibano.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E EMPÍRICA

Pode-se definir a economia solidária da seguinte forma:

[...] com acepções variadas, mas que giram todas ao redor da idéia da solidariedade, em contraste com o individualismo competitivo que caracteriza o comportamento econômico padrão nas sociedades capitalistas. O conceito se refere a organizações de produtores, consumidores, poupadores, etc., que se distinguem por duas especificidades: (a) estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e (b) praticam a solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos. (SINGER, 2003, p. 116).

Para o Ministério do Trabalho e Emprego (2013), a economia solidária corresponde a um conjunto de atividades econômicas, realizadas por trabalhadores, e que também envolvem, além da produção e consumo de bens e serviços, a distribuição e as finanças realizadas ou organizadas com o objetivo solidário e coletivo. As principais características da economia solidária são:

- a) Solidariedade - os resultados previstos alcançados são distribuídos de forma justa, para melhoria de vida, do meio ambiente e um desenvolvimento sustentável;
- b) Dimensão Econômica - é a característica mais comum, em empreendimento cujo trabalho é coletivo, pois os benefícios são maiores, como na produção, no crédito, na comercialização e consumo;
- c) Autogestão - os participantes das organizações trabalham, definem estratégias de melhoria e do cotidiano, de formas exclusivas, podendo ter auxílio de profissionais externos, porém sem tirar o protagonismo dos participantes, além de todo o conhecimento produzido por esses externos;
- d) Cooperação - a união de esforços e capacidades sob um objetivo comum e com divisão de resultados, responsabilidades e propriedade dos meios produtivos.

O Ministério do Trabalho e Emprego (2022) ressalta ainda a questão de gênero, considerando também a condição de maior vulnerabilidade das mulheres.

A Economia Solidária expressa um novo modo de organização da produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia a autogestão e a cooperação em empreendimentos coletivos, redes e cadeias solidárias articuladas no âmbito de segmentos econômicos. Ao considerar o ser humano na sua integralidade, como sujeito e finalidade da atividade econômica, a economia solidária desenvolve as capacidades dos trabalhadores e trabalhadoras, valoriza o associativismo, o trabalho das mulheres e de outros setores excluídos da sociedade, expressando um novo modelo de desenvolvimento sustentável e solidário. (MINISTÉRIO, 2022, p. 2)



De acordo com o Portal do Ministério da Educação (2010), no caderno Pedagógico do Programa Projovem Campo Saberes da Terra, “A Economia Solidária nasce da ausência de políticas públicas para absorção dos trabalhadores pela produção (economia de mercado), bem como da necessidade imediata de soluções dos problemas decorrentes do desemprego (economia de subsistência).”

Para entender melhor as diferenças entre os mecanismos de associativismo e cooperativismo, é importante compreender como eles são caracterizados. Segundo o Artigo 44 do Novo Código Civil (Lei 10.406 de 2002, p. 110), são pessoas jurídicas de direito privado: “I - As sociedades civis, religiosas, pias<sup>1</sup>, morais, científicas ou literárias, as associações de utilidade pública e as fundações; II - As sociedades mercantis; III - os partidos políticos.”

Levando-se em consideração essa classificação, pode-se caracterizar as associações como sociedades civis, e as cooperativas, como sociedades mercantis.

Já de acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), as associações compreendem uma das formas mais básicas de organização juridicamente feita para se alcançar um objetivo em comum, majoritariamente social e sem fins lucrativos. e as cooperativas são uma associação de pessoas, mas diferentemente das associações, os objetivos econômicos são fundamentais e, por meio de acordos voluntários de cooperação recíproca e democrática, obtém-se desenvolvimento econômico coletivo.

Para Furtado (1981), por sua vez, o cooperativismo representa uma das maneiras para se promover o desenvolvimento econômico do semiárido nordestino por meio da agricultura. Seguindo essa linha de raciocínio, como também sendo uma das formas de organização que promove desenvolvimento social, o associativismo se enquadra nessas mesmas perspectiva.

A melhor concepção de organização para as famílias ruralistas seria por meio de cooperativas, pois poderão defender-se “contra a voracidade dos intermediários comerciais e financeiros.” (FURTADO, 1981, p. 129). De acordo com as ideias do economista, o Governo deveria promover um fomento para criação de cooperativas, com o objetivo de fortalecer os pequenos produtores. As subseções seguintes apresentam características adicionais das formas de organização como associação ou cooperativa.

## 2.1 Associações

Com base em informações do SEBRAE (2022), “Associações são Pessoas Jurídicas, formadas pela união de grupos que se organizam para a realização de atividades não-econômicas, ou seja, sem fins lucrativos.” Um ponto a se destacar é que, diferente da previsão na legislação, seus associados buscam lucros e todos os recursos ou saldos são voltados para eles. Nessas entidades, o que influencia a sua dinâmica são as pessoas que as compõem!

Para a criação de uma associação, faz-se necessário cumprir um processo de etapas, que são: a) reunir pessoas com objetivos comuns (no mínimo duas pessoas), inicialmente para um processo de sensibilização e análise do processo de criação da associação; b) elaborar e discutir o projeto de Estatuto Social em Assembleia Geral para a criação da associação; c) a mesa diretora da Assembleia Geral deve ser eleita, e ela será constituída por membros presentes, tendo um presidente e um secretário; d) os fatos ocorridos na Assembleia Geral devem ser registrados em Ata, que deve ser assinada por todos os presentes.

Cada associação tem suas características, ou seja, estas variam em relação a alguns aspectos como: a) finalidades; b) número de pessoas; c) remuneração dos dirigentes; d)

---

<sup>1</sup> Sociedades beneficentes como asilos, orfanatos, associação de pais.



formação de patrimônio.

Com base em Frantz (2012, p. 137) “No meio urbano, o movimento se concentrou, predominantemente, nos bairros, onde foram organizadas associações de amigos, que passaram a discutir os seus problemas e a promover o encaminhamento de soluções.”

Levando-se em consideração esses elementos, os principais tipos de associação são: filantrópicas, de pais e mestres, em defesa da vida, culturais, desportivas e sociais, de consumidores, de classe e de produtores. E elas têm como finalidades: a) prestar assistência social e cultural; b) atuar na defesa dos direitos das pessoas ou de classes específicas de trabalhadores e/ou empresários e na defesa do meio ambiente; c) atuar como clubes de serviços, entidades filantrópicas, religiosas, clubes esportivos, entre outros.

## 2.2 Cooperativas

No portal do SEBRAE (2022), define-se cooperativas como sendo: “toda e qualquer associação autônoma de pessoas que se unem, voluntariamente, para satisfazer aspirações e necessidades econômicas, sociais e culturais comuns, por meio de uma empresa de propriedade coletiva e democraticamente gerida.”

A Lei nº. 5.764/71, por sua vez, apresenta a seguinte definição: “Cooperativas são sociedades de pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados.”

Diferentemente das associações, que tem como foco atender a sociedade em geral com seus serviços, nas cooperativas todos os feitos dos colaboradores têm como principal objetivo obter renda de maneira coletiva. Quando se fala em renda, também é necessário falar sobre o capital social, que facilita os financiamentos de instituições financeiras. O capital social é uma quota recebida dos associados, mas as cooperativas também podem receber doações, empréstimos e processos de capitalização.

Para a criação de uma cooperativa, é necessário ter, no mínimo, 20 pessoas associadas e, além disso, seguir uma sequência de três etapas: a) determinar os objetivos; b) fazer uma seleção da comissão e de um coordenador dos trabalhos; c) elaborar o estatuto, a base da estrutura da Cooperativa. Esse documento, de acordo com a Lei Nº 5.764 e o SEBRAE (2022), é um contrato entre os cooperados e prevê como se dará o funcionamento. Por exemplo:

- a) denominação, sede, prazo de duração, área de ação, objeto da sociedade, fixação do exercício social e da data de levantamento do balanço geral;
- b) direitos e deveres dos associados, natureza de suas responsabilidades, condições de admissão, demissão, eliminação e exclusão, e normas para representação;
- c) capital mínimo, valor da quota-parte, mínimo de quotas a ser subscrito pelo associado, modo de integralização, condições de sua retirada nos casos de demissão, eliminação ou exclusão, forma de devolução das sobras registradas aos associados ou do rateio das perdas apuradas;
- d) modo de administração e fiscalização, estabelecendo os respectivos órgãos, definição de suas atribuições, poderes e funcionamento, representação ativa e passiva da sociedade em juízo ou fora dele, prazo do mandato e processo de substituição dos administradores e conselheiros fiscais;
- e) para a formação do capital social, poderá ser estipulado que o pagamento das quotas-partes seja realizado mediante prestações periódicas, independentemente de chamada, por meio de contribuições. as quotas-partes do capital nunca serão cedidas a terceiros, estranhos à sociedade.

As cooperativas podem ser classificadas em quatro categorias (Quadro 1). E existem dez tipos de cooperativas: de a) Serviços Comunitários; b) Consumo; c) Trabalho; d)



Agropecuárias e Agroindustriais; e) Mineração; f) Habitacionais; g) Produção; h) Educacionais; i) Crédito; j) Especiais.

#### Quadro 1 – Classificação das Cooperativas

| Classificação         | Objetivo da Cooperativa                                                                                                 |
|-----------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Singulares            | Atender os interesses econômicos, políticos ou sociais dos associados.                                                  |
| Centrais e Federações | Organizar de formar mais ampla diversos serviços, sendo eles de, no mínimo, três cooperativas singulares filiadas.      |
| Confederações         | Organizar, de formar mais ampla, diversos serviços, sendo eles de, no mínimo, três cooperativas centrais ou federações. |
| Mistas                | Interesses políticos, econômicos ou sociais dos associados, como também prestando serviços.                             |

Fonte: Elaboração própria com base em Muñoz (2012).

#### 2.3 Diferenças entre Cooperativas e Associações

As principais diferenças entre cooperativas e associações estão destacadas no Quadro 2. E, segundo a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e a Associação Comercial São Paulo (ACSP), as principais vantagens de fazer parte de uma cooperativa ou associação são:

- organização - com a união de associados e colaboradores, especialmente os pequenos produtores ganham força e competitividade;
- experiência - a troca de experiência entre os indivíduos, cria uma espécie de cadeia de informação, que faz com que empresas filiadas, os associados ou colaboradores, tenham um salto de produtividade;
- gestão – a junção de empresas filiadas e indivíduos experientes facilita a gestão de problemas;
- oportunidades – a visibilidade é maior, além da possibilidade de atender mercados ou executar objetivos cada vez maiores;
- mercado – a compra e a venda de insumos em grande escala são melhores e, além disso, podem diminuir o custo de produção de uma mercadoria ou da execução de uma ação social.

#### Quadro 2 – Diferenças principais entre Cooperativas e Associações

| Cooperativas                                                                                                                       | Associações                                                                                          |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Os participantes são os donos do patrimônio e os beneficiários dos ganhos.                                                         | Os associados não são propriamente os donos.                                                         |
| Beneficia os próprios cooperados.                                                                                                  | No caso de sua dissolução, o patrimônio acumulado deve ser destinado a outra instituição semelhante. |
| Por meio de Assembleia Geral, as sobras das relações comerciais podem ser distribuídas entre os cooperados.                        | Os ganhos devem ser destinados à sociedade e não aos associados.                                     |
| Existe o repasse dos valores relacionados ao trabalho prestado pelos cooperados ou da venda dos produtos entregues na cooperativa. | Na maioria das vezes, os associados não são os beneficiários da ação do trabalho da associação.      |

Fonte: SEBRAE (2022). Elaboração própria.



A principal desvantagem de estar associado ou filiado a uma dessas entidades é a ocorrência de algum processo judicial. Na associação, quem responde legalmente são os presidentes e, portanto, eles podem ter a apreensão de seus bens como devedores, por mandado judicial. Já na cooperativa, o risco é maior. Segundo a Lei nº 5.764/1971, os bens e as propriedades são coletivos, pertencem a uma sociedade, e não a um único indivíduo, e também ocorre um rateio das dívidas e dos prejuízos.

## **2.4 Gestão das associações e cooperativas**

A base estrutural dos objetivos das cooperativas e associações tende a ser de caráter social e econômico. Essa dupla característica das organizações se expande para a forma de gerenciamento das mesmas que pode ser de dois tipos: empresarial e social.

Analisar individualmente cada uma dessas formas de gestão é importante para os objetivos de cada entidade, para que se tenha uma boa liderança que execute com êxito as obrigações, de tal modo que os dois tipos de gestão sejam complementares e igualmente promovidos por meio da realização de trabalhos que eduquem os associados a conduzirem uns aos outros a solucionar problemas decorrentes da gestão da entidade.

### **2.4.1 Gestão Empresarial**

A gestão empresarial, apesar de ser uma forma de gerenciamento que pode abranger associações como organização que busca melhorar as condições de trabalho para seus empreendedores, também preza pelo fortalecimento do mercado local e de toda a comunidade.

As associações podem disponibilizar serviços ou produtos com mais acessibilidade visando o desenvolvimento, enquanto as cooperativas tendem a ser mais empresariais, por serem voltadas à captação de lucros.

Para Freitas e Frezza (2016), “Por definição, a gestão empresarial compreende princípios e normas que controlam a produtividade e a eficiência organizacional por meio de processos que devem ser normatizados, para que se possa espelhar o real desempenho da atividade empresarial.” (FREITAS e FREZZA, 2016, p. 32)

A princípio, o controle da produção e a eficácia organizacional se tornam elementos importantes para qualquer gestão. De acordo com Rosado (2014, p. 16) ‘‘hoje em dia é insuficiente pensar a administração das organizações sem utilizar várias das ferramentas que nos são oferecidas pela Gestão Estratégica, sobretudo em tempos de crise econômico-financeira’’. Contudo, com base nas ideias de Oliveira (2012, p. 51) sobre as estruturas organizacionais, deve-se observar cada situação e se adaptar, facilitando a compreensão das atividades internas e externas.

### **2.4.2 Gestão Social**

Com aspectos e características mais voltados a questões sociológicas, a gestão social tende a ser voltada para os interesses individuais dos associados, sem focar a obtenção de lucros, mesmo que esta seja um lado da mesma moeda, como diz Bialoskorski Neto (2022) ao destacar as vantagens que uma cooperativa teria ao ter a dupla característica, qual seja a de associação e de empresa.

Souza (2008) define a gestão social como: “[...] gestão do relacionamento com os cooperados e da participação efetiva destes na gestão da cooperativa, de forma que tal relacionamento não constitui apenas uma peculiaridade destas organizações, mas pode ser o



principal elemento de influência para obtenção de êxito ou ainda para o fracasso [...]. (SOUZA. 2008, p. 46). Ou seja, o que se torna importante e realmente relevante em uma gestão social é a participação dos associados, chegando esta a ser chamada de gestão do relacionamento, sendo o envolvimento do associados algo crucial.

Para Souza (2008, p. 45), “Neste sentido, a ênfase da gestão social nas cooperativas deve estar ligada às concepções e ações voltadas para a participação da gestão”. Para a autora, a gestão social tem como base dois fatores, a comunicação e a capacitação contínua dos associados como elementos que compõem as articulações e estratégias gerenciais.

## 2.5 Fundamentação empírica

Estudos feitos para o estado da Paraíba mostram que os empreendimentos de economia solidária feitos com algum tipo de organização em cooperativas ou associações, em especial voltados para produção, funcionam com uma melhor fluidez. De acordo com Barbosa (2020), que fez um levantamento de informações sobre os segmentos do artesanato, resíduos sólidos, agricultura familiar e assentados da reforma agrária, para mapear os benefícios da economia solidária nas esferas estadual e federal, e que vem se desenvolvendo com a ajuda do associativismo e do cooperativismo, a produção de artesanato em João Pessoa é constituída, em maior parte, por mulheres que optam por esse tipo de organização para maximizar suas produções, em grupos de pessoas entre 40 e 60 anos de idade.

Barbosa (2020) mostra que a economia solidária atua como política pública de geração de renda em parceria com o movimento econômico social por meio de fomento do cooperativismo e associativismo, precisamente com iniciativas de órgãos do governo como a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Humano (SEDH) e o Governo Federal via Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

Com um caráter exploratório para entender melhor como a economia solidária está ligada com o sistema de organização social de cooperativas e associações, Medeiros (2011) analisou o setor de turismo também observando o setor de artesanato do roteiro Seridó norte-roraimense. Constatou que a dinâmica de desenvolvimento socioeconômico aconteceu de forma favorável para esses grupos.

Sousa e Almeida (2020), por sua vez, elaboraram um trabalho sobre a inovação do sistema produtivo e artesanal de couro e artefatos de Cabaceiras-PB, onde comprovam a importância de uma cooperativa de produção artesanal na distribuição de renda e geração de emprego, com base em resultados de questionários aplicados com os cooperados.

Rêgo (2019) estudou a tecnificação do Cariri paraibano associada a políticas de estímulo à (re)peculiarização e à prática do cooperativismo agropecuário. Analisou dados coletados da Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Rural, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e do Banco de Dados Agregados do IBGE. Identificou uma relação importante com a pecuária leiteira e concluiu pela importância do associativismo e cooperativismo para a modernização e melhoria da tecnologia na região estudada.

Delimitando-se essas aplicações de modelos organizacionais para o desenvolvimento econômico da Região que abrange a produção da renda renascença no Cariri paraibano, Oliveira (2022, p. 71) concluiu “percebeu-se que as ações ainda não são suficientes para que a renda renascença se torne a renda principal da família.”. A autora, com um trabalho que mapeou ações de incentivo à renda renascença no Cariri paraibano da perspectiva das rendeiras associadas por meio de entrevistas, avaliou que as ações de incentivo às associações não trouxeram uma independência financeira para as rendeiras.



Com o objetivo de analisar ações de fomento à produção e comercialização da renda renascentia no Cariri Ocidental paraibano (Camalaú-PB), Albuquerque e Menezes (2007) concluíram que, mesmo com a organização das rendeiras em associações e assistências de atravessadores, os resultados não foram eficazes a um nível de desenvolvimento de renda.

Os resultados da revisão de literatura apontam que, quando analisados os elementos do associativismo e cooperativismo para uma região onde a economia é pouco dinâmica e necessita de produção para suprir o mercado local, a existência de cooperativas se apresenta como importante. E, em uma região onde a comercialização dos produtos seja uniforme, mas falte diversificação dos produtos e conte principalmente com pequenos produtores, a importância de uma associação parece maior. Ainda, as informações empíricas coletadas de trabalhos de outros setores mostram que, independentemente da estratégia adotada, cooperativas e associações podem contribuir para o desenvolvimento socioeconômico via ganho de produtividade e diversificação de processos produtivos.

### 3 METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza descritiva, exploratória, bibliográfica e de campo. Para contextualizar, justificar e corroborar o estudo, foi feito um levantamento de estudos acadêmicos sobre cooperativas e associações e foram realizadas consultas nos sites de órgãos de representatividade dessas organizações para obtenção de informações atualizadas sobre as mesmas. Mais especificamente, foram considerados dados do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo da Paraíba (SESCOOP-PB) e da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também foram utilizados.

Com resultados de pesquisa bibliográfica para estudos locais sobre o setor de artesanato paraibano, buscou-se identificar impactos econômicos externos às cooperativas e associações. Para estudo das associações e da cooperativa de rendeiras do Cariri paraibano foi realizada uma breve entrevista semi estruturada com questões pré-elaboradas (Apêndice A), com o objetivo de identificar aspectos da organização estrutural e da gestão social com foco na melhoria da produção, bem como avaliar a gestão empresarial da cooperativa.

As características de uma região influenciam suas atividades econômicas, ou seja, a produção, distribuição e o consumo de bens e serviços. Portanto, para identificar a situação socioeconômica das cidades e das atividades que geram renda numa dada região, devem-se observar alguns indicadores. Considerando-se o foco deste trabalho na produção de renda renascentia paraibana, a Tabela 1 apresenta dados de municípios selecionados que se destacam por essa produção, quais sejam Camalaú, Monteiro, São João do Tigre, São Sebastião do Umbuzeiro e Zabelê. E faz-se uma breve comparação com a capital João Pessoa.

A partir de dados coletados, pode-se observar a realidade dos municípios considerados que, em conjunto, podem ser caracterizados como uma rota de produção da renda renascentia no Cariri paraibano. Observam-se indicadores de educação relativamente bons, comparados com os da capital João Pessoa, uma das cidades mais desenvolvida do estado da Paraíba.

Como município que se destaca em indicador de renda, como o PIB per capita, está a cidade de Monteiro. É o maior município em extensão territorial da Paraíba (IBGE, 2022), o que ajuda no manejo das atividades econômicas, sendo voltado principalmente para a caprinocultura e a ovinocultura. Os demais municípios considerados, do Cariri paraibano, sofrem influências econômicas e políticas da cidade de Monteiro, por este ser um polo de referência e desenvolvimento naquela região.



**Tabela 1 – Paraíba: dados socioeconômicos de municípios selecionados**

| Município                   | João Pessoa | Camalaú   | Monteiro  | São João do Tigre | São Sebastião do Umbuzeiro | Zabelê    |
|-----------------------------|-------------|-----------|-----------|-------------------|----------------------------|-----------|
| Área (Km <sup>2</sup> )     | 210.044     | 541.841   | 992.620   | 812.617           | 464.327                    | 106.811   |
| População (2021)            | 825.796     | 6.048     | 33.638    | 4.408             | 3.534                      | 2.269     |
| PIB per capita (R\$) (2020) | 25.402,17   | 10.828,55 | 17.272,04 | 8.554,13          | 10.004,00                  | 11.123,51 |
| IDHM (2010)                 | 0,763       | 0,567     | 0,628     | 0,552             | 0,581                      | 0,623     |
| IDHM – ranking UF           |             | 157°      | 19°       | 190°              | 116°                       | 27°       |
| IDHM – ranking BR           |             | 4903°     | 3519°     | 5169°             | 4614°                      | 3631°     |
| IFDM Ano-base 2016          | 0.7753      | 0.6436    | 0.6866    | 0.6105            | 0.6084                     | 0.6532    |
| Saúde                       | 0.8638      | 0.8563    | 0.8283    | 0.7860            | 0.7622                     | 0.7894    |
| Emprego & Renda             | 0.7332      | 0.3542    | 0.4664    | 0.2699            | 0.3039                     | 0.3630    |
| Educação                    | 0.7288      | 0.7204    | 0.7652    | 0.7754            | 0.7590                     | 0.8071    |

**Fonte:** IBGE/Cidades; FIRJAN (2022). Elaboração própria.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Breve panorama das cooperativas no Brasil, Região Nordeste e Paraíba

De acordo com dados da OCB, existem cerca de 3 milhões de cooperativas ativas em todo o mundo. Em 2021, o número de cooperativas brasileiras foi 4.880, enquanto na Região Nordeste (NE), esse número foi 890.

O Brasil detém cerca de 18 milhões de cooperados, contribuindo para o desenvolvimento em todos os estados brasileiros, atuando em diversos setores e segmentos como mercado financeiro, agropecuária, saúde, educação, geração e distribuição de energia, mineração, transporte, setor habitacional e de consumo. O segmento da produção artesanal representa apenas 6% das cooperativas brasileiras.

**Tabela 2 - Número de Cooperativas no Brasil – 2019-2021**

| Cooperativas no Brasil |       |
|------------------------|-------|
| 2019                   | 5.314 |
| 2020                   | 4.868 |
| 2021                   | 4.880 |

Fonte: Anuariocoop (2022).

Comparado com 2019, o número de cooperativas no Brasil, entre 2020 e 2021, voltou a aumentar e isso também se refletiu no número de cooperados e empregados nesse mesmo período. Em alguns estados essa recuperação numérica não foi a mesma. No estado da Paraíba, existiam 101 cooperativas ativas em 2020, porém, em 2021, houve uma redução para 88 entidades.

O cooperativismo de trabalho, produção de bens e serviços, envolve e atrai profissionais



que tem como objetivo um aumento de seus ganhos atrelado a melhores condições de trabalho, assim como uma garantia de direitos sociais e qualidade de vida. Esse segmento abrange cooperativas que tem como foco a produção de bens e a prestação de serviços especializados. Em outras palavras, os cooperados são donos do negócio e, ao mesmo tempo, são empreendedores que unem seu capital, mão de obra e a autogestão.

Como mostra a Tabela 3, na Paraíba, as cooperativas de trabalho, produção de bens e serviços sofreram uma redução de seus números entre 2020 e 2021, precisamente de 29% e 28,2% no número de cooperativas e cooperados, respectivamente. Esses números refletem o cenário pandêmico do vírus da covid-19, tendo-se em vista que, com o decreto de *lockdown*, muitas cooperativas tiveram que paralisar sua produção e o fornecimento de seus serviços.

**Tabela 3 – Número de cooperativas de trabalho, cooperados e empregados na produção de bens e serviços - 2019-2021**

|              | Ano x Classificação das fundações privadas e associações sem fins lucrativos |    |         |         |        |         |         |        |         |
|--------------|------------------------------------------------------------------------------|----|---------|---------|--------|---------|---------|--------|---------|
|              | 2019                                                                         |    |         | 2020    |        |         | 2021    |        |         |
|              | Brasil                                                                       | NE | Paraíba | Brasil  | NE     | Paraíba | Brasil  | NE     | Paraíba |
| Cooperativas | 860                                                                          | -  | -       | 685     | 187    | 17      | 688     | 170    | 12      |
| Cooperados   | 221.134                                                                      | -  | -       | 180.074 | 29.329 | 751     | 192.874 | 25.660 | 539     |
| Empregados   | 9.759                                                                        | -  | -       | 8.714   | 4.777  | 7       | 9.750   | 11.423 | 6       |

Fonte: Anuariocoop (2022).

#### 4.2 Breve panorama das associações no Brasil, Região Nordeste e Paraíba

Com base em dados do IBGE, entre outras entidades sem fins lucrativos, o número de associações no Brasil foi 236.950 em 2016. Na Região Nordeste, no mesmo ano, eram 44.496, atuando em diversos setores e também segmentos como: Habitação, Saúde, Cultura e recreação, Educação e pesquisa, Assistência social, Religião, Associações patronais, profissionais e de produtores, Meio ambiente e proteção animal, Desenvolvimento e defesa de direitos.

Segundo o IBGE, as associações que abrangem as causas do artesanato são classificadas no grupo Cultura e recreação. Em todo o Brasil, são 32.268, mas existe uma subposição do grupo criada pelo IBGE para o artesanato, a Cultura e arte, sob a qual são 14.594 no País. No estado da Paraíba, existem 4.004 associações, sendo 334 delas de Cultura e recreação e, dentro desse grupo, são 187 associações voltadas a causas que envolvem o artesanato (Tabela 4).

Segundo a ARTESOL (2022), existem 25 associações no Brasil com o objetivo de auxiliar artesãs de renda. Na região do Cariri paraibano existem cerca de 7 que auxiliam as rendeiras a impulsionar sua produção de diversas formas. As associações, além da função social, empregam pessoas para auxiliar em sua prestação de serviços à comunidade (Tabela 5).

Ressalte-se que as cooperativas e associações que se dedicam ou fomentam a atividade artesanal como fonte de renda, muitas vezes a trocam por outras atividades econômicas. Segundo Fechine (2004, p. 141), no Cariri paraibano “O trabalho na roça é também outro motivo do abandono do fazer renda, além dos problemas de saúde que ataca as rendeiras, tais como: dores nas costas e problemas na visão.” Além da roça, também se faz presente na região a produção de carvão; tiram casca de angico; fabricam telhas e tijolos; fabricam cal; criam cabras, porcos, ovelhas, vacas, entre outras atividades.



**Tabela 4 - Unidades locais das Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos, total e de Cultura e Arte – 2010/2013/2016**

| Território                      | Ano x Classificação das entidades sem fins lucrativos |                |         |                |         |                |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------|----------------|---------|----------------|---------|----------------|
|                                 | 2010                                                  |                | 2013    |                | 2016    |                |
|                                 | Total                                                 | Cultura e arte | Total   | Cultura e arte | Total   | Cultura e arte |
| Brasil                          | 556.846                                               | 14.594         | 566.846 | 18.037         | 526.841 | 12.552         |
| Nordeste                        | 114.700                                               | 2.988          | 111.208 | 3.906          | 93.911  | 2.162          |
| Paraíba                         | 10.704                                                | 241            | 10.133  | 280            | 9.419   | 187            |
| Camalaú (PB)                    | 15                                                    | 1              | 16      | 3              | 8       | -              |
| Monteiro (PB)                   | 116                                                   | 4              | 58      | -              | 96      | 1              |
| São João do Tigre (PB)          | 21                                                    | 2              | 4       | -              | 12      | -              |
| São Sebastião do Umbuzeiro (PB) | 13                                                    | -              | 5       | -              | 14      | -              |
| Zabelê (PB)                     | 14                                                    | 1              | 3       | -              | 7       | -              |

Fonte: IBGE - Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos.

**Tabela 5 - Pessoal ocupado assalariado de entidades sem fins lucrativos, total e de Cultura e arte – 2010/2013/2016**

| Território                      | Ano x Classificação das entidades sem fins lucrativos |                |           |                |           |                |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------|----------------|-----------|----------------|-----------|----------------|
|                                 | 2010                                                  |                | 2013      |                | 2016      |                |
|                                 | Total                                                 | Cultura e arte | Total     | Cultura e arte | Total     | Cultura e arte |
| Brasil                          | 2.893.748                                             | 34.832         | 3.165.113 | 41.935         | 3.194.448 | 29.468         |
| Nordeste                        | 428.341                                               | 6.532          | 477.116   | 9.119          | 480.340   | 3.816          |
| Paraíba                         | 22.396                                                | 139            | 25.886    | 132            | 28.684    | 132            |
| Camalaú (PB)                    | 0                                                     | X              | 0         | 0              | 1         | -              |
| Monteiro (PB)                   | 71                                                    | 0              | 91        | -              | 86        | X              |
| São João do Tigre (PB)          | 0                                                     | X              | 0         | -              | 0         | -              |
| São Sebastião do Umbuzeiro (PB) | 3                                                     | -              | 0         | -              | 0         | -              |
| Zabelê (PB)                     | 0                                                     | X              | 0         | -              | 0         | -              |

Fonte: IBGE - Fundações Privadas e Associações Sem Fins Lucrativos.

Observando-se o cenário do Cariri paraibano, tem-se uma variedade de associações e cooperativas presentes na região (Quadro 3). Para esta pesquisa, selecionou-se como objeto de estudo uma associação considerando-se o porte do município sede, sendo a associação RENASCI (Monteiro-PB), e a única cooperativa que tem relação com a produção local de renda renascença, a COOPETIGRE (São João do Tigre-PB).

Segundo Silva (2019), todas essas associações e a cooperativa já existiam nas cidades e se desenvolveram com o apoio de ONGs. Tem-se um destaque especial para a cidade de São João do Tigre, a que mais possui entidades organizacionais. As associações criadas mais recentemente foram a ARCA, Cacimba Nova e a COOPETIGRE. Algumas conquistas já alcançadas por essas entidades são o recebimento do Selo de Indicação Geográfica (IG), a fundação do Conselho das Associações, Cooperativas, Empresas e Entidades Vinculadas à Renda Renascença do Cariri Paraibano (Conarenda), a carteira de artesanato, fornecida pelo



SEBRAE, e apoios do governo do estado e nacionais para a participação em feiras e eventos.

4.2.1 Sobre a associação Renasci (Monteiro-PB) e a cooperativa Coopertigre (São João do Tigre-PB).

**Quadro 3 - Polos de produção de renda renascença no Cariri da Paraíba**

| Município                  | Número de Sócias | Entidade     | Unidade               |
|----------------------------|------------------|--------------|-----------------------|
| São João do Tigre          | 30               | ARCA         | Distrito Cacimbinha   |
|                            | 35               | Cacimba Nova | Comunidade Quilombola |
|                            | 80               | ASSOART      | Sede do Município     |
|                            | 35               | COOPETIGRE   | Sede do Município     |
| São Sebastião do Umbuzeiro | 30               | ADEARTE      | Sede do Município     |
| Camalaú                    | 20               | ASCAMP       | Sede do Município     |
| Zabelê                     | 25               | APAZ         | Sede do Município     |
| Monteiro                   | 20               | RENASCI      | Sede do Município     |
| Total                      | 275              |              |                       |

Fonte: Silva (2019) com base em dados do SEBRAE de Monteiro.

Fundada a partir da extinta Associação dos Artesãos de Monteiro (ASSOAM), a RENASCI é uma associação que tem engajamento em todo o Cariri paraibano, com o apoio do projeto Cooperar do governo estadual que, em 2001, auxiliou sua fundação com base em resultados de consultorias realizadas entre 1998 e 2000, que geraram o Programa de Desenvolvimento da Renda Renascença (Rendas do Cariri) numa parceria com o SEBRAE, OSCIP Para'iwa e algumas prefeituras paraibanas.

O objetivo central era criar oficinas escolas que atendessem as rendeiras em Monteiro, Zabelê e São João do Tigre. Atraindo jovens entre 12 e 18 anos, as oficinas promoveram o compartilhamento de conhecimento, além de pesquisas que indetificaram a diversidade de pontos criados da renda renascença. Foram catalogados mais de 60 tipos de pontos.

Diante dessa visibilidade adquirida a partir dos anos 2000, houve uma valorização do trabalho das rendeiras com base no seu potencial econômico e cultural, e até mesmo uma atração para o turismo local. Funciona em local cedido pela prefeitura municipal, contando com uma loja de exposição das peças e salas para a produção. A associação conta com rendeiras do município de Monteiro, em especial do sítio Santa Catarina e localidades circunvizinhas – Zabelê, Lavras e Ipojuca.

Com base em informações da organização Procasur em parceria com o programa Semear (2017), a Cooperativa de Produção de Bens e Serviços de São João do Tigre (Coopetigre) é uma cooperativa que tem como objetivo organizar as artesãs da cidade e manter viva essa tradição. Além disso ela tem o intuito de fortalecer e melhorar a vida das rendeiras da região. Fundada em 2008, na cidade São João do Tigre, foi a única cooperativa identificada nos municípios considerados neste estudo.

Houveram dificuldades para obter recursos por meio de doações e realização de atividades como bingos, para cobrir as despesas de fundação e mobilizar rendeiras para se associarem. Em compensação, as rendeiras avaliam como muito favorável a amizade e a união que foram construindo enquanto grupo de mulheres nesse esforço coletivo, tendo o artesanato da renda renascença como uma fonte de renda para elas e suas famílias. Ainda, a cooperativa foi e é um espaço para se ter acesso a linhas de crédito.



#### 4.3 Organização e necessidades dos artesãos do Brasil e do Cariri paraibano

Nesta subseção são apresentados e avaliados dados do DataSebrae (2013) sobre as necessidades dos artesãos brasileiros, obtidos em duas pesquisas sobre o artesanato brasileiro e os comerciantes de artesanatos do Brasil, realizadas com pessoas que participam de todo o processo, desde a produção até o escoamento dos produtos. Considera-se que esse conteúdo também pode ser utilizado como referência na avaliação dos resultados da entrevista feita com a rendeira representante da Associação Renasci, apresentados em seguida.

##### 4.3.1 Artesãos brasileiros nas organizações

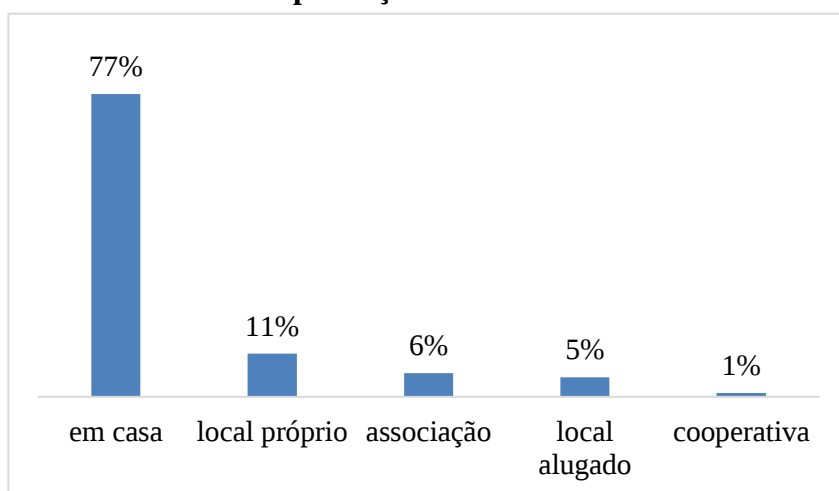
Os dados do DataSebrae (2013) revelam que 60% dos artesãos brasileiros usam o artesanato como sua principal fonte de renda, o que também reflete seu grau de instrução, pois 69% deles possuem apenas o fundamental completo.

Pensando nas necessidades dos artesãos brasileiros em geral, a inexistência de pessoas capacitadas nas organizações, para além de oferecer atedimento, também é algo que dificulta o desenvolvimento das associações e cooperativas do setor. Segundos os dados do DataSebrae (2013), os artesãos que já fizeram algum curso, consultoria ou participaram de eventos voltados para o artesanato tem essa formação: ensino fundamental (63%), ensino médio (68%), curso superior (70%), curso de pós graduação (82%).

Entretanto, como o local de produção e a gestão de uma entidade podem influenciar na forma como se produz e no aprendizado, pela facilidade de trocas de informações, o Gráfico 1 permite observar onde é produzido o artesanato, e avaliar como isso influencia na relação social entre os associados e cooperados.

Pode-se observar que os associados e cooperados frequentam pouco suas organizações para produzir as peças, o que pode dificultar até mesmo a gestão de informações a respeito da gestão dessas entidades. A solução de problemas pode ser atrasada por essa baixa frequência. Além disso, a divergência de decisões pode ficar evidente em relação a uma determinada demanda de serviço ou até mesmo de produção do artesanato.

**Gráfico 1 - Local de produção do artesanato brasileiro**



Fonte: Elaboração própria com base no DataSebrae.



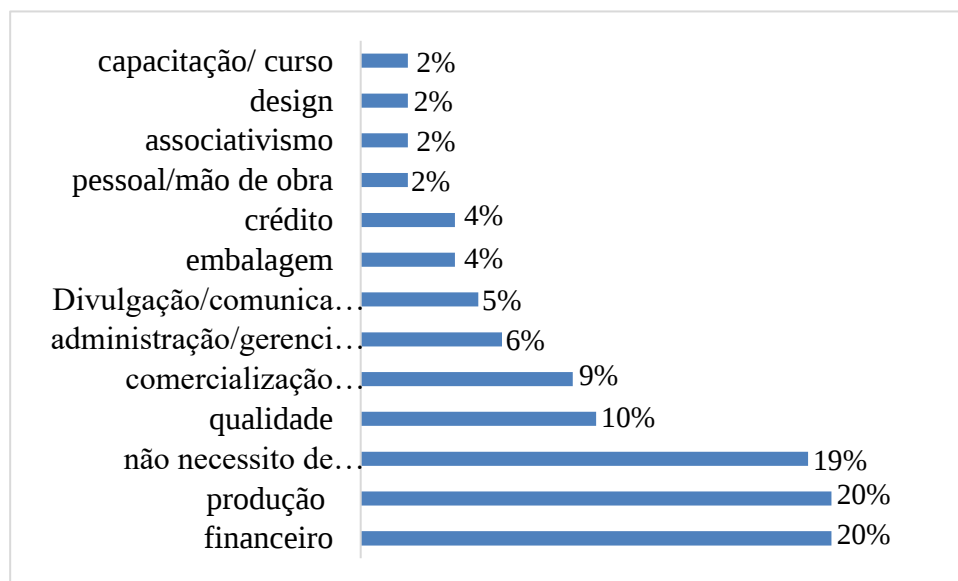
Como o processo produtivo é feito em sua maioria na própria casa dos artesãos, a relação dos envolvidos na produção pode ser maior, devido a uma participação familiar, o que pode ser bom para disseminação da cultura do artesanato. Porém, a baixa relação com essas pessoas com associações e cooperativas pode acarretar em um ciclo vicioso de produção monótona, o que pode ser considerado também com base no perfil das pessoas envolvidas na produção artesanal no Brasil: apenas 12% são associados/cooperados.

Além disso, o distanciamento desse grupo de pessoas das entidades que promovem a comercialização e o desenvolvimento social dificulta a aquisição de capacitações e aprimoramentos de habilidades. Isso pode estar refletido nas informações coletadas no DataSebrae (2013): os próprios artesãos informam que necessitam de capacitação (Gráfico 2).

Contudo, entre os maiores problemas relatados pelos artesãos brasileiros estão: comercialização dos produtos, falta de visão de mercado, valorização, matéria prima escassa, falta de organização, de divulgação, apoio de instituições e governo, mão de obra profissionalização, gestão ineficiente, concorrência desleal, falta de recursos e falta de local apropriado.

Vale destacar outro ponto provocado pela falta de organização dessas pessoas em associações e cooperativas: alguns problemas citados pelos artesãos poderiam ser resolvidos se essa organização de produção entre eles fosse feita de forma coletiva, assim dinamizando a produção e o escoamento dos produtos. Além disso, os benefícios sociais ficariam mais fáceis de serem coletados quando isso é feito de forma coletiva entre os associados.

#### Gráfico 2 - Necessidade de capacitação dos artesãos

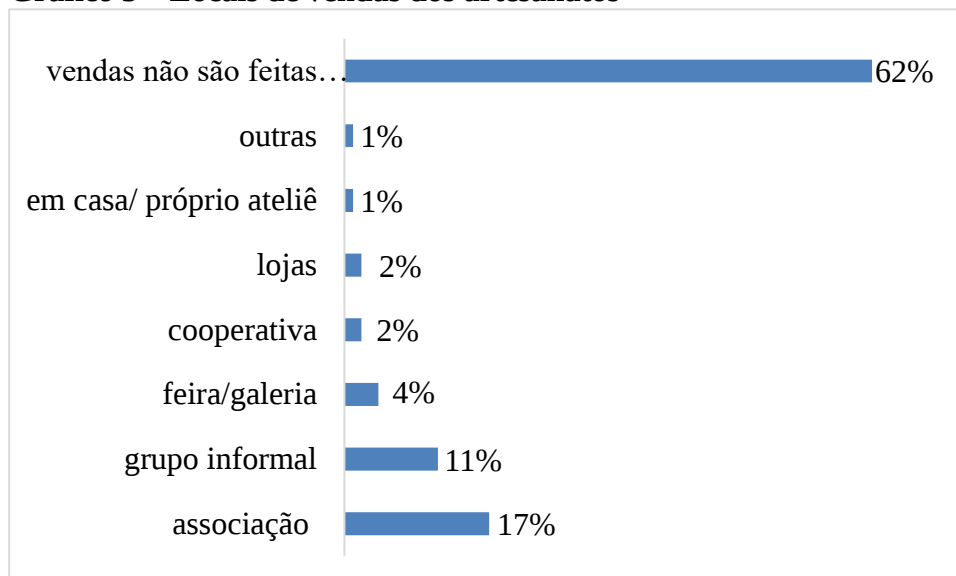


Fonte: Elaboração própria com base no DataSebrae.

Ainda, vale ressaltar que a forma como o artesanato é vendido no Brasil influencia os resultados finais. Nada menos que 62% das vendas dos principais produtos não são feitas coletivamente (Gráfico 3). Isso implica até mesmo na forma como o produto é visto, na divulgação e na variedade apresentada para os clientes. Segundo o SEBRAE (2013, p. 84), 58% das vendas dos artesãos no Brasil tem como forma de divulgação a pessoal, ou seja, de boca a boca.



**Gráfico 3 – Locais de vendas dos artesanatos**



Fonte: Elaboração própria com base no DataSebrae.

Muitos artesãos não possuem uma forma de cadastro de clientes. Apenas cerca de 38% deles possuem um sistema de cadastro que auxilia na organização e preparação no processo de comercialização. A forma como o trabalho é apresentado ao cliente também não possui uma avaliação. Apenas 24% dos artesãos fazem pesquisa de satisfação do cliente.

O aprimoramento da produção, seja no âmbito de qualidade e quantidade de produção ou até mesmo na área de marketing do produtos, poderia ser feito através de financiamento/empréstimo por parte dos artesãos e associados. Porém, apenas 31% dos artesãos, segundo o SEBRAE (2013, p. 93), demonstram interesse ou pretendem optar por esse caminho em busca de melhorias.

Diante do exposto, a necessidade de maior capacitação e organização fica evidente pela própria falta de coletividade entre eles, pois apenas 8% dos artesãos informaram que já receberam algum apoio de associações, fundações e ONGs, sendo essa uma alternativa que pode levar à solução das necessidades enfrentadas por eles.

#### 4.3.2 Artesãos do Cariri na associação RENASCI

A partir de entrevista feita com a presidente da associação RENASCI, pode-se compreender algumas das dificuldades em relação a gestão da associação e necessidades das artesãs de renda renascença do Cariri paraibano. No geral, observou-se que os problemas do artesanato brasileiro se repetem no caso da região do Cariri paraibano, em uma esfera onde a falta de capacitação e organização tomam conta de um setor.

Diante disso, observou-se necessidades que se repetem com mais impacto na associação RENASCI. Inicialmente, sobre a aproximação dos associados com a entidade como algo importante para o desenvolvimento social e produtivo, a presidente relatou que ela, como gestora, considera como “extremamente importante” a participação dos sócios, que as reuniões presenciais estão sendo feitas apenas anualmente devido ao recente cenário adverso provocado pela pandemia, mas que voltará a ser mensal porque isso melhora a desenvoltura da produção do artesanato e o aprendizado dos sócios, e que eles reconhecem isso e procuram estar presentes.



Em relação à capacitação, a própria associação possui um programa de capacitação coordenado pela própria presidente, que muitas das vezes se dá em um formato híbrido, sendo remoto e presencial. O objetivo desse programa é aumentar a qualidade das peças e melhorar a capacidade da mão de obra.

Sobre a qualidade da comunicação entre os sócios, a presidente também relatou que, em 2022, participou de um curso oferecido pelo SEBRAE que tinha como foco o aperfeiçoamento da comunicação e que isso influenciou positivamente a execução do programa de capacitação. Por exemplo, a adaptação de oferecer esse serviço via mensagens por Whatsapp ofereceu um leque de oportunidades e flexibilidade de horários.

A forma como as informações sobre gestão da associação também foi facilitada, o que auxilia o cumprimento dos objetivos da associação, que tem caráter social e também exerce atividade comercial, predominantemente custeada com recursos próprios, adquiridos com a comercialização das peças artesanais produzidas, sem a realização de nenhum financiamento ou empréstimo, prezando pela qualidade da gestão empresarial e social da associação.

A falta de envolvimento dos sócios é um dos principais problemas enfrentados pela associação, pois as demandas de atividades voltadas à gestão são executadas exclusivamente pela presidente. A mesma é quem faz a distribuição das atividades produtivas, com base em critérios como habilidade e qualidade de produção das peças, onde as rendeiras com mais habilidade ficam com as demandas com um grau de complexidade maior e as demais, com pequenas produções voltadas ao estoque da loja.

Além disso, a própria presidente realiza todas as atividades voltadas à comercialização, desde o relacionamento com clientes, fornecedores de matérias primas e formação de preço, ficando responsável pelas vendas e assessoria nas vendas feitas pelos artesãos. E todas as informações sobre as vendas são repassadas para os sócios da associação, que enfatizou a importância da participação dos associados nas reuniões de comercialização.

#### 4.3.3 Artesãos do Cariri na cooperativa Coopetigre

A Coopetigre foi a única cooperativa que tem ligação com o artesanato, em especial com a renda renascença, identificada na região Cariri paraibano. Assim como as associações, ela reúne artesãos e produtores da agricultura familiar.

Considerou-se importante avaliar sua gestão social e empresarial. Entretanto, não foi possível realizar a entrevista com seu presidente em razão de falta de resposta aos contatos feitos pelo pesquisador e a orientadora. Deixa-se como desafio para futuros pesquisadores, a coleta das informações consideradas relevantes na presente pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da pesquisa realizada, em torno de se conceituar a economia solidária, o associativismo e o cooperativismo, apontando seus conceitos e principais diferenças, buscou-se também apresentar um panorama geral da gestão social e empresarial de cooperativas e associações no Brasil, na Região Nordeste e na Paraíba com o foco nos municípios do Cariri paraibano que produzem renda renascença.

Em outras palavras, buscou-se compreender evidências e perspectivas da base estrutural e características da gestão social e empresarial das organizações voltadas ao artesanato brasileiro e à renda renascença do Cariri paraibano. Especificamente, atividades que promovem o desenvolvimento econômico e social e suas implementações que servem para melhorar a produção e comercialização, apresentando também características organizacionais e



necessidades dos artesãos brasileiros, seus principais desafios, também fazendo um comparativo com características da associação RENASCI a partir da visão e informações de gestão de sua presidente.

Diante das informações obtidas, percebeu-se que, na prática, os artesãos possuem desafios como falta de organização e capacitação, que predomina, não somente para os que produzem sozinhos, mas também para os que atuam de forma coletiva.

Pode-se concluir que a forma de gestão das mesmas influencia diretamente a produção e a realização das atividades ligadas à entidade, e que, em especial, a forma como são organizadas as sociedades de cooperativas/associações pode induzir melhorias na capacitação e aprendizado, comercialização e produção no coletivo.

Em específico, a associação RENASCI atua contribuindo para reverter a realidade nacional das associações voltadas ao artesanato, buscando meios alternativos de capacitar os sócios e promover uma maior participação e envolvimento com as atividades de gestão da associação, a fim de atingir seus objetivos sociais e comerciais.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, E. de F; MENEZES, M. O valor material e simbólico da renda renasença. **Revista Estudos Feministas**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 461-467, maio-agosto/2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2007000200013/4271>. Acesso em: nov. 2022.

ASSOARTI. Associação dos Artesãos de São João do Tigre. [S. l.], 25 nov. 2022. Disponível em: <https://www.artesol.org.br/assoarti>. Acesso em: 25 nov. 2022.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL SÃO PAULO. **Quais são as vantagens de fazer parte de uma associação comercial em tempos de crise?** Paraíba, 2022. Disponível em: < <https://acsp.com.br/publicacao/s/quais-sao-as-vantagens-de-fazer-parte-de-uma-associacao-comercial-em-tempos-de-crise#:~:text=Ao%20se%20filiar%20a%20uma,prejudicado%20em%20per%C3%ADodos%20de%20recess%C3%A3o.>>. Acesso em 23 maio. 2022.

BARBOSA, S. A. **Políticas e ações em economia solidária da secretaria do desenvolvimento humano no estado da paraíba**. 2011-2019. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Sociais) Universidade Federal da Paraíba, Paraíba. 2020 Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br>>. Acesso em: 14 maio. 2022.

BRASIL. Ministério da Cidadania. **Economia Solidária**. 2022. Disponível em: < <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/inclusao-productiva-urbana/economia-solidaria>>. Acesso em: 23 maio. 2022

BRASIL. Ministério da Educação. **Coleção dos cadernos pedagógicos do Programa Projovem Campo Saberes da Terra**. 2010. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/institucional/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/15678-colecao-dos-cadernos-pedagogicos-do-programa-projovem-campo-saberes-da-terra>>. Acesso em: 23 maio. 2022

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **PNDE: Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável do Nordeste: desafios e possibilidades para o Nordeste do século XXI**. Recife, 2006.



BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Apoio à implantação de ações integradas de economia solidária como estratégia de promoção do desenvolvimento territorial sustentável visando à superação da extrema pobreza.** 2011. Disponível em: < <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br> >. Acesso em: 23 maio. 2022

COOPETIGRE e Renda Renascença (Paraíba). [S. l.], 25 nov. 2022. Disponível em: <http://talentos.portalsemear.org.br/coopetigre-e-renda-renascenca/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

ECONOMIA Solidária. [S. l.], 25 nov. 2022. Disponível em: <https://trabalho.ma.gov.br/economia-solidaria>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FECHINE, Ingrid Farias. **Brasões de saberes populares:** memória das rendeiras do Cariri Paraibano. 2004. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, [S. l.], 2004.

FERREIRA, P. R.; NEVES DE SOUSA, D. Educação cooperativista. **Cooperativismo & Desarrollo**, v. 27, n. 115, 14 nov. 2019.

FRANTZ, W. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária.** Ijuí, Rio Grande do Sul, 2012. (Coleção Educação a Distância Série Livro-Texto).

FREITAS, E. C. de; FREZZA, C. M. M. GESTÃO E SUCESSÃO EM EMPRESA

FAMILIAR. **Revista Gestão e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2016. DOI: 10.25112/rgd.v2i1.1063. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/1063>. Acesso em: 25 nov. 2022.

FURTADO, C. **O Brasil pós-“milagre”.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 54).

GIORNO, T. D. **Café corporativo:** economia colaborativa, diversidade e inovação - a tríade dos negócios sustentáveis. Portugal: Grupo Almedina, 2021. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786587019253/>. Acesso em: 29 mar. 2022.

IBGE. Instituto Brasileira de Geografia e Estatísticas. **Pesquisa de entidades de assistência social privadas sem fins lucrativos.** 2016. as fundações privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil. Indicadores selecionados. Paraíba. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 maio. 2022.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **Cidades e Estados.** Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados.html?view=municipio> >. Acesso em: nov. 2022.

MEDEIROS, V. C. F. A. **Turismo e Economia Solidária:** uma análise nas cooperativas e associações de artesanato do Roteiro Seridó norte-rio-grandense. Tese. (Mestrado em Turismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2011.

MUÑOZ, E. **Associativismo e Cooperativismo:** uma estratégia de organização empreendedora e solidária. Cartilha de formação. IFSC 2012.

NETO, sigismundo Bialoskorki. Estratégias e coopertativas agorpecuárias: um ensaio analítico. In BRAGA, Marcelo José e REIS, Bricio dos Santos (orgs.). **Agronegócio cooperativo:** reestruturação e estratégias. Viçosa: UFV, DER, 2002. 305p. Il.



OLIVEIRA, A. S. S. **Ações de incentivo à renda renascença no cariri paraibano: a perspectiva de rendeiras associadas.** Monografia (Curso de Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina grande, 2022. pg. 79, [s.d.]. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br>>. Acesso em: 14 maio. 2022.

ORGANIZAÇÃO das Cooperativas Brasileiras. [S. l.], 31 mar. 2022. Disponível em: <https://www.somoscooperativismo.coop.br/ocb>. Acesso em: 31 mar. 2022.

POLONIO, W. A. **Manual das sociedades cooperativas**, 4. ed. São Paulo: Grupo GEN, 2004. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522472956/>. Acesso em: 28 mar. 2022.

RÊGO, E. E. DO. **A tecnificação do território no Cariri paraibano associada às políticas de estímulo a (re)pecuarização e a prática do cooperativismo agropecuário.** Tese. (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, Paraíba. 2019 Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br>>. Acesso em: 14 maio. 2022.

ROSADO, David Miguel Pascoal. **Gestão, estratégia empresarial e estrutura organizacional: redescobrir a alteridade.** 2014. Dissertação (Mestrado em Administração Militar) - ACADEMIA MILITAR, [S. l.], 2014

SEBRAE. **As principais diferenças entre associação e cooperativa.** Paraíba, 2022 Disponível em: < <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/conteudos/destaques>>. Acesso em: 17 maio. 2022.

SILVA, Fabiana Miranda. **A renda renascença na Paraíba: enredos de cultura, moda e desenvolvimento regional.** 2021. Dissertação (Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal de Campina Grande, [S. l.], 2019.

SINGER, Paul. Economia solidária. In: CATTANI, Antônio David. (Org.). **A outra economia.** Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

\_\_\_\_\_. **Introdução à economia solidária.** São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SISTEMA ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. ALBUQUERQUE, E. DE F.; MENEZES, M. O valor material e simbólico da renda renascença. Revista Estudos Feministas, v. 15, n. 2, p. 461–467, ago. 2007.

SISTEMA Organização das Cooperativas Brasileiras. **Anuário do cooperativismo brasileiro 2021.** Paraíba, 2022 Disponível em: <<https://anuario.coop.br/>>. Acesso em: 31 mar. 2022.

SOUSA, G. P. de; ALMEIDA, H. A. de. **Inovação do sistema produtivo e artesanal de couro e artefatos de Cabaceiras/PB.** Brazilian Journal of Development, v. 6, n. 9, p. 70634–70649, 22 set. 2020.

SOUZA, Márcia Maria Celestino de. **Gestão cooperativa e desenvolvimento local: um estudo de caso na Cooperativa de Crédito de São Roque de Minas/ Sicoob-Saromcredi.** 2008. Dissertação (Pós-Graduação em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, [S. l.], 2008.